

Juventude quilombola da Amazônia Tocantina: diálogos entre saberes sociais e educação escolar

Quilombola youth of the Amazon tocantina: dialogues between social knowledge and school education

Lina Gláucia Dantas Elias^{1*}, Gilmar Pereira Silva ¹

RESUMO

Este artigo é resultado de imersão nas comunidades quilombolas do município de Abaetetuba no Pará, tendo como campo de pesquisa a Escola Quilombola Santo André, conquistada com a luta do movimento social Associação de Remanescentes de Quilombos de Abaetetuba e apoio da comunidade local. É um estudo introdutório na temática *Juventude Quilombola e Práticas Sociais*, atendo-se na identificação da juventude quilombola e suas percepções sobre a educação escolar, saberes e o cotidiano na comunidade. A investigação inicial se deu por meio de uma abordagem metodológica que considere a relação entre o investigador, o objeto e os sujeitos da pesquisa em uma visão dialética, com a realização de recolha de narrativas, em rodas de conversas, sobre os modos de vida, com jovens quilombolas do ensino médio e moradores do local. No estudo observou-se que os jovens vivenciam a comunidade envoltos no espírito de cooperação, participando nas frentes do desporto, no trabalho nas roças, nas casas de farinha, na pesca e manejo do açaí, nas festas religiosas, nas brincadeiras e conversas no rio e trapiche, do lazer (inter) comunitário ou até mesmo das ações deflagradas pela escola. Estão cotidianamente integrados, o que faz parte do processo cultural de tornarem-se jovens, é um elemento caracterizador da juventude quilombola que estuda na Escola Santo André.

Palavras-chave: Juventude Quilombola; Práticas Culturais; Comunidade Tradicionais.

ABSTRACT

This article is the result of immersion in the quilombola communities of the municipality of Abaetetuba in Pará, as a field of research the Quilombola Santo André School, conquered with the struggle of the social movement, Association of Quilombos de Abaetetuba and support from the local community. The intention is to present an introductory study on the theme, Quilombola Youth and Cultural Practices, focusing on the identification of quilombola youth and their perceptions about school education and daily life in the community. The initial investigation took place through the qualitative study with the collection of narratives about the ways of life, with young high school quilombolas and locals, the oral narrative was used, believing that it allows a walk on history. of lives and the daily life of these young black people. In the study it was observed that young people experience the community wrapped in a spirit of cooperation, participating in the fronts of sport, working in the fields, flour houses, fishing and handling of acai, religious festivals, games and conversations in the river. and trapiche, of (inter) community leisure or even of the actions initiated by the school. They are integrated daily, which is part of the cultural process of becoming young, is a characterizing element of the quilombola youth that studies at the Santo André School.

Keywords: Quilombola Youth; Cultural Practices; Traditional Community.

¹ Universidade Federal do Pará.

*E-mail: linaglaucia@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As travessias² realizadas nas águas dos rios do município de Abaetetuba-PA, em direção às comunidades rurais ribeirinhas e quilombolas, foram os motivadores para um estudo introdutório sobre a juventude quilombola, promovem intenso aprendizado. Essa experiência nas águas do rio permitiu ver a vida que pulsa, observar um “jeito” de ser e estar no mundo peculiar, uma conexão com a natureza, com o meio ambiente, com um tempo e espaço singular, nessas travessias, marca os encontros com as histórias de homens e mulheres, jovens e crianças que vivem às margens dos rios, condicionante da região amazônica, em que os ciclos dos rios apresentam características de mar, com marés: cheias, vazantes e lançantes, que por cinco meses recebem as marés altas do verão amazônico, esse movimento de travessia do rio até as ilhas, em direção às comunidades quilombolas, permitem visualizar a vida sob outra perspectiva, em que sujeitos sociais constroem um estilo de vida, produzindo práticas sociais, que se traduzem em formas físicas e modos de qualidade de vida que se revelam como resistências à lógica urbanocêntrica³, ou seja, contrapõem-se à lógica de vida urbana, de pensar e ver a qualidade de vida sempre voltada à pressa em viver o tempo e organizar o espaço, tendo como foco central o acúmulo, o individualismo, a disputa, o isolamento do coletivo e do bem comum, que o aparta da vida em comunidade e o coloca diante da vida corrida e sem contemplação e reflexão.

Este artigo é resultado dessas travessias e imersão nas comunidades quilombolas, o campo de pesquisa deste estudo foi na *Escola Santo André*, construída, especialmente, para populações quilombolas, foi adquirida a partir da luta do movimento social Associação de Remanescentes de Quilombos de Abaetetuba - ARQUIA, com o apoio ativo da comunidade local e, com isso, ganhou esse título de *Primeira Escola Quilombola do Município de Abaetetuba – Santo André*, que oferece toda a educação básica e onde

² Travessias realizadas desde de 2009, da beira (local de saída e chegada à sede do município para os moradores das ilhas, e onde se comercializa a produção dos trabalhadores das ilhas, espaço de práticas culturais) das ilhas do município de Abaetetuba-PA, em rabetas e rabudos, tipo de embarcação com motor a diesel que se movimenta nas águas dos rios de Abaetetuba.

³ Urbanocêntrica - visão “urbano-centrada”, em que se privilegia o polo urbano como fonte de progresso, desenvolvimento e valores dominantes impostos ao conjunto da sociedade. O polo extremo do continuum, o rural, eleito como polo atrasado, “tenderia a reduzir-se sob a influência avassaladora do pólo urbano, desenvolvido, [...] comparado ao de ‘vasos comunicantes’, em que quase por definição um só – urbano – se enchia enquanto o outro – rural – só podia conseqüentemente esvaziar-se” (WANDERLEY, 2001, p. 32).

estudam jovens de várias comunidades quilombolas dos rios (Arapapuzinho, Baixo, Médio e alto Itacuruçá entre outras).

Os nomes das escolas, geralmente, referem-se aos santos padroeiros da comunidade. E os nomes dos rios situam a localização delas, sendo que as escolas são conhecidas por terem como referência o rio que passa em sua volta. Recordo de um fato que ocorreu quando, da primeira travessia e visita na área, ao procurarmos a localização das escolas junto aos barqueiros, a resposta deles era sempre uma nova pergunta: “fica em que rio?”.

Figura 1 – Frente da escola.



Fonte: Arquivo GEPESSD (2013).

Figura 2 – Trapiche da escola.



Fonte: Arquivo Eliana Pojo (2016).

A Escola Santo André fica localizada no rio Baixo-Itacuruçá, comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na região das ilhas de Abaetetuba; é uma comunidade considerada quilombola legalmente⁴ desde 2001, por se tratar de povo remanescente de quilombo, com características manifestas de maneira peculiar no dia a dia, através de suas brincadeiras, jogos, linguagens, parentesco, danças, religião, das relações com os adultos,

⁴ Desde a Constituição Federal de 1988, abriu-se a possibilidade de reconhecimento dos espaços que guardam relação histórica com a escravidão, assegurando-lhes direitos territoriais. O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) trouxe consigo um aparato legal que procura relacionar comunidades negras contemporâneas, portadoras de determinadas especificidades étnicas, com a experiência histórica dos quilombos, trazendo o seguinte texto constitucional: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”.

modos de vida, do trabalho e, ainda, pela dinâmica social com os rios, igapós, igarapés, matas, florestas e com as terras, numa interlocução harmoniosa com a natureza - o que permitiu, identificar alguns dos saberes da juventude quilombola que colaboram na elucidar da identidade cultural desses jovens, situando pontos de vista sobre o viver nessas comunidades tradicionais e sua dinamicidade cultural.

Como a intenção é apresentar um estudo introdutório na temática “Juventude Quilombola e Práticas Sociais”, nos ateremos na identificação da juventude quilombola e suas percepções sobre a educação escolar, saberes e o cotidiano na comunidade. A investigação inicial ocorreu por meio de uma abordagem metodológica que valorize e considere que os homens são sujeitos históricos ativos e conscientes, que se relacionam dialética e organicamente com a sociedade, construindo, por conseguinte, a história das sociedades.

Dessa forma, acreditamos que, para ter a compreensão elucidativa do objeto e da problemática desse estudo, será necessário incorporar a perspectiva dialética, porque tem como princípio fundante a descoberta das contradições internas da realidade, sob a forma da trama de relações conflitantes e contraditórias, marcadas por movimentos contínuos e descontínuos que possibilitam superações e transformações sociais e políticas.

Buscamos essa abordagem por considerar a relação entre o investigador, o objeto e os sujeitos da pesquisa em uma visão dialética com realização de recolha de narrativas em entrevistas e rodas de conversas⁵, sobre os modos de vida, com jovens quilombolas do ensino médio e moradores do local. Foi utilizada a narrativa oral, por acreditar que a narrativa possibilita um passeio sobre a história de vida e o cotidiano desses(as) jovens negros(as), permitindo o conhecimento do espaço no qual eles(as) constroem e dão sentido ao seu agir e no qual experimentam as oportunidades e limites da sua ação (MELUCCI, 2005).

⁵ Rodas de conversas: reuniões em grupos de jovens por temáticas, recurso utilizado para aproximação e a fim de fazê-los superar a timidez.

Figura 3 – Roda de Conversa com a juventude quilombola na escola Santo André.



Fonte: ELIAS (2017).

A partir dos relatos dos(as) jovens, de suas memórias, buscamos construir uma análise interpretativa e conceptual que pudesse evidenciar o ponto de vista dos(as) jovens narradores(as), considerando que as memórias são construções, revelam aquilo que se quer e da forma que se quer ou é possível narrar e/ou lembrar, não constituindo um registro neutro. No entanto, é a memória que é capaz de dar sentido à trajetória individual e, além disso, “oferece pistas extremamente férteis para o mapeamento das redes de relações que informam o lugar presente, a partir do qual o narrador fala, e o lugar que as construções que faz sobre o passado ocupam dentro dele” (MATTOS, 2006).

Dessa forma, as recolhas de narrativas dos(as) jovens nos permitiu a reconstrução dos conteúdos de vida, ao considerarem o presente, revisitando-o, filtrando-o por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta. Importante ressaltarmos que a escolha em privilegiar os relatos orais dos(as) informantes está intimamente ligada ao contexto de pesquisa. No caso da juventude quilombola, objeto deste estudo, as narrativas orais fazem parte dos modos de ser, viver e reviver as experiências cotidianas e passadas. É a forma como a memória é compartilhada, como a história do lugar e das pessoas que lá vivem é registrada, sendo a oralidade um dos elementos que compõem as comunidades de matriz africana.

JUVENTUDE QUILOMBOLA

Destaca-se, no volume I de *O estado da arte* por Sposito (2009, p. 23), que “Um primeiro alerta diz respeito ao caráter eminentemente urbano da produção discente sobre juventude. Do total de trabalhos (1.427) somente 52 (menos de 4%) trataram de jovens do mundo rural”. Hoje, esses dados já contam com um número bem maior de estudos publicados referentes à temática “Juventude Rural: Ribeirinha, Quilombola”, porém, ainda muito abaixo do ideal, com isso, a cada trabalho realizado nesse âmbito, a voz do jovem quilombola, ribeirinho mostra-se imprescindível e passa a ser a principal fonte de

referência para o enriquecimento do estudo, saber o que pensa e diz a juventude sobre a educação, a vida na comunidade, nas águas, as opções de lazer, as condições de trabalho, perspectivas de futuro etc., torna-se fundamental para a compreensão do ser e estar no meio rural.

Na perspectiva defendida por este trabalho, o mundo rural se define pela diversidade encontrada nas situações de vida desse meio, em suas relações sociais e de produção cultural, marcada também pelo acesso aos bens materiais e simbólicos. O rural define-se pelas identidades dos homens que habitam essas áreas. Acrescente-se a isso as manifestações feitas “no plano das ‘identificações e das reivindicações na vida cotidiana’, de forma que o ‘rural’ se torna um ‘ator coletivo’, constituído a partir de uma referência espacial e inserido num campo ampliado de trocas sociais” (WANDERLEY, 2001, p. 33). Além da necessidade de se reconstruir uma concepção sobre o rural fundada sob a égide da pluralidade que lhe é inerente, não menos importante é considerá-lo pelo quantitativo da população que o habita, no caso em estudo, comunidades quilombolas.

No município de Abaetetuba, investigações e estudos envolvendo a questão da “Juventude Negra” iniciaram no final do Século XX, em especial no começo do século XXI, mais aproximadamente em meados de 1998 a 2005, momento em que foi possível se localizar alguns artigos, capítulos de livros e dissertações que remetem à questão do negro e/ou quilombo no município. No entanto, o grande interesse emerge mais fortemente com o debate acerca da implementação da Lei nº 10.639/03, que modifica o Art. 24 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e particulares do Brasil. Dessa maneira, novos desafios são lançados às unidades de educação básica, públicas e privadas, e as instituições formadoras como as Universidades e Institutos Federais de Ensino Superior. No sentido de organizar e/ou reorientar seus currículos para atender ao dispositivo legal e, mais que isso, tornar visível o que historicamente foi negado e silenciado, a história, a cultura e a identidade de seu povo (afrodescendentes/brasileiros).

A questão que envolve o estudo das juventudes quilombolas ganha centralidade em leituras e escritos investigativos muito recentemente em meu percurso formativo de docente e pesquisadora, portanto, este escrito constitui-se em um ensaio de aproximações teóricas que evidenciam que existem diferentes maneiras de viver a juventude, o “ser jovem”, visto que esta varia de acordo com a classe, o gênero-neutro, a raça e o local de

moradia. Esses recortes sociais interferem nas possibilidades de inserção social dos sujeitos. A juventude, enquanto um conceito construído historicamente, recebe significados diversos de sociedade para sociedade, no tempo e no espaço, não podendo, dessa forma, serem estabelecidos limites etários fixos para demarcar esse período de vida. Isso permite afirmar que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113), assim como o fato de que “jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes” (NOVAES, 2003, p. 122).

Ao considerarmos a juventude como grupo social, devemos levar em conta que, ao participarem de uma mesma fase de vida, os jovens partilham modelos culturais diferentes dos adultos e se confrontam com problemas sociais específicos. A juventude, como uma categoria analítica, passou por várias definições ao longo de sua história, ora focando a faixa etária, ora elementos físicos e comportamentais, delimitando construções que associavam os(as) jovens a problemas sociais (delinquência) ou os colocavam no papel de agentes de transformação social. Cabe ressaltar que tais análises privilegiaram o estudo de jovens no espaço urbano. Os jovens que vivem em áreas rurais não são, muitas vezes, reconhecidos em sua multiplicidade de trajetórias, projetos e inserções sociais. Reconhecemos as juventudes urbanas, mas encapsulamos em *juventude rural* todos os jovens que moram no campo, não considerando as situações sociais diferenciadas em que vivem, principalmente quando se trata de jovens quilombolas que, muitas vezes, não são considerados nas discussões sobre juventude rural.

O aumento dos estudos sobre juventude rural (CARNEIRO, 1998; CASTRO, 2008) tem evidenciado na pauta pública algumas demandas desse segmento que busca, cada vez mais, ampliar seu acesso à educação, à cultura e à renda, por exemplo, sem perder seu vínculo com a família e os valores de seu grupo de origem. O dilema que tem acompanhado a vida de muitos desses jovens se constrói a partir da escolha profissional, pois isso implica na decisão de ficar ou sair de sua rede de relação/obrigação familiar. Verificamos que a busca por alternativas fora do local de origem mostra-se mais intensa entre os jovens, o que sugere, como hipótese, uma estreita relação entre esse movimento e a desvalorização da atuação dos jovens no meio rural. O desprestígio das atividades que desenvolvem, somado à falta de autonomia de se fazer escolhas, constitui-se na maneira em que estruturam um projeto de vida de mobilidade, melhor, tendo na possibilidade de avanço da escolaridade um de seus principais apoios. Analisamos, no estudo realizado, a partir das contribuições de Carneiro (2007), que afirma:

Ser jovem no campo está marcado por tensões entre sonho e a luta pela terra, mas também pelas relações de hierarquia e os conflitos com a autoridade paterna. Pensar a inserção desse jovem no meio rural hoje implica enfrentar o esforço de analisar a reprodução de relações de hierarquia em que o jovem ocupa um papel privilegiado nos discursos, mas não nas práticas. (CARNEIRO, 2007, p. 62)

No caso do estudo realizado, a condição racial, o fato de ser uma comunidade negra-remanescente de quilombo/território quilombola, também interfere nesse processo. Os jovens e as jovens negociam com as expectativas dos pais em relação ao seu futuro e com os recursos que herdam das gerações anteriores, construindo, nesse diálogo geracional, suas trajetórias de vida. Quando se trata de uma comunidade negra tradicional, como no caso dos Quilombos dos rios Arapapuzinho, Baixo, Médio e Alto Itacuruçá, outro elemento de tensão se coloca: a preservação das tradições comunitárias, *simbolada*⁶ e *formô*⁷. O fio condutor deste estudo foram os jovens integrantes dos quilombos onde fica a Escola Santo André.

A diversidade cultural da juventude quilombola

Nas rodas de conversa e entrevistas junto à juventude quilombola, objeto desta pesquisa, variados temas foram abordados, tais como escola, religião, lazer, jogos e brincadeiras, trabalho, cotidiano e futuro.

Quanto à educação, referem-se à Escola Santo André com respeito e importância, e destacam ser esta uma conquista da comunidade, é considerada uma escola de grande porte, e, segundo fontes de frequência da escola e do censo escolar (2018), atende a quatrocentos e cinquenta educandos de várias comunidades próximas⁸. Ela abrange todos os níveis da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio regular), enquanto as demais escolas dos arredores só oferecem a pré-escola e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Para ofertar todos os níveis, ela funciona atualmente

⁶ Simbolada: dança circular em que só as mulheres dançam, com saias coloridas e esvoaçantes, e entoam músicas que cantam e poetizam o cotidiano, acompanhadas pelo batuque de instrumentos musicais rústicos produzidos artesanalmente (Descrito em entrevista – Perola, 2012).

⁷ Formô: espécie de jogo, brincadeira com gingado de corpo que imita a capoeira, que consiste na demarcação de uma área onde cada integrante do grupo impede a invasão do outro no seu território marcado no chão, delimitando o espaço de cada equipe eles realizam essa brincadeira no pátio da escola nos intervalos das aulas.

⁸ São as comunidades dos rios Ipanema, Arapapú, Arapapuzinho, Piquiarana, Médio e Alto Itacuruçá, Piquiarana Miri, Furo do Gaita, entre outros.

dentro da mesma estrutura física com dois sistemas de ensino: o municipal e o estadual. O primeiro atende a Educação Infantil (pré-escola) e os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e o segundo atende estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio regular. Outra questão da estrutura de funcionamento é que a escola é anexa a duas outras escolas que ficam na área urbana da cidade. Pela rede municipal de ensino os procedimentos administrativos são geridos pela Escola Municipal Magalhães Barata; e pela rede estadual, a responsabilidade legal é da Escola Benvinda Pontes.

Nas narrativas recolhidas junto aos jovens educandos do ensino médio, ficou evidente a importância da escola principalmente em relação ao espaço físico/estrutura, consideram como uma conquista da comunidade e comparam o “antes e depois” da escola, disseram que não existia educação infantil, e o ensino fundamental anos iniciais ocorria na casa cedida por moradores ou em espaços da comunidade bem precários, e, para realizarem o ensino fundamental anos finais e o ensino médio, tinham que se deslocar de rabetá⁹ até a sede do município, em uma travessia de duas a três horas, para ir e para voltar, perfazendo um percurso de quatro a seis horas diárias de rabetá, sobrando pouco tempo para outras atividades na comunidade, até mesmo as tarefas da escola.

Bom, na nossa escola, já passou por melhoras, ainda tem dificuldades sim, mas comparando com as estruturas antigas nas casas das pessoas e no barracão, podemos dizer que já teve um grande avanço. Precisa ainda mais de coisas? Sim, precisa de melhoras, mas hoje podemos dizer que ela já teve um avanço já está bem mais estruturada... (J1, comunidade São João, 15/06/2017)

Em vista do tempo que comecei a estudei, hoje tem melhora, em estrutura o prédio nem se compara, quando comecei a estudar não tinha nem sala, hoje a gente tem, foi a comunidade que conseguiu, com a ARQUIA brigando por nós, se olha e a gente tem a visão de agora se ter uma escola, e não precisa ir pra Abaetetuba estudar (J2, comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 15/06/2017)

A escola aparece como espaço de luta pela educação da comunidade, como debate coletivo e fortalecimento da Associação Remanescente dos Quilombos de Abaetetuba - ARQUIA, quanto à gestão escolar, material disponível e quadro docente, fizeram algumas reflexões em que demonstram uma certa insatisfação, como se permanecessem como antes: “porque a gente tem um certo contato com as pessoas que lá estudam e percebe que

⁹ Rabetá: embarcação característica do local, com motor que realiza o transporte de pessoas e mercadorias.

não é muito diferente de antes, e as vezes até pior” (J3, comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 18/06/2017). O ensino centra-se na transmissão, com base nos livros didáticos e com uma tímida, mas iniciada conexão com os saberes e práticas culturais locais. Vejamos o que diz uma jovem discente da escola: “Os professores não é daqui da comunidade, e daí faltam muito, as aulas não muda, as vezes é chato e cansa. Então precisa melhora muito e fazer agente aprender de outro jeito” (J4, comunidade São João, 18/06/2017).

Na percepção da juventude quilombola nas rodas de conversas e entrevistas, evidenciou-se o quão seria interessante para eles que a escola lançasse seu olhar reflexivo para as atividades coletivas da comunidade e que esta pudesse ser norteadora de uma gestão escolar coletiva e democrática: “a escola não observa o que fazemos aqui, não valoriza nosso trabalho e nem o jeito de falar e de fazer as coisas” (J4, comunidade São João, 18/06/2017). Nas recolhas, um pedido da juventude para a abertura da escola as práticas sociais da comunidade, uma solicitação de maior participação de toda a comunidade nas tomadas de decisões, isto parece estar dentro do alcance dos limites da escola, e deveria ser realizado o quanto antes. Observamos a importância do conceito de experiência em Thompson (1987), que possibilita compreender e analisar os saberes dos jovens trabalhadores/as rurais quilombolas. Para ele, a experiência – uma categoria imperfeita é abordada como válida e efetiva, ainda que dentro de determinados limites: “o agricultor ‘conhece’ suas estações, o marinheiro ‘conhece’ seus mares, mas ambos permanecem mistificados em relação à monarquia e à cosmologia” (THOMPSON, 1987). Portanto, por mais espontânea que seja a experiência, ela nunca está desprovida de pensamento. A experiência “surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo” (THOMPSON, 1987), ou seja, todos os homens são filósofos (GRAMSCI, 1988), mesmo que seu pensamento seja simples e determinado pelo senso comum. Habilitando-nos a refletir sobre a necessidade de o currículo da escola Santo André entrelaçar os saberes e os conhecimentos da comunidade, aos conhecimentos produzidos no âmbito da unidade escolar.

Chamou bastante a atenção uma reunião¹⁰ entre escola e comunidade, por ocasião de uma das visitas realizadas a comunidade, nesta tratavam da avaliação dos educandos

¹⁰ Reunião realizada em agosto de 2016 envolvendo as comunidades quilombolas e os funcionários vinculados ao sistema municipal de ensino (educação infantil e ensino fundamental anos iniciais).

e da proposta pedagógica da escola, e que contou com uma grande frequência da comunidade, momento ímpar em que a unidade educativa foi questionada pelos presentes quanto à necessidade de melhorar a aprendizagem dos educandos, ao mesmo tempo que destacavam a importância de um trabalho pedagógico focalizado na cultura local, valorizando as práticas sociais quilombolas.

A gestão e os docentes evidenciaram, que nas atividades pedagógicas da escola, todas as sextas-feiras realizam um trabalho integrado entre os educadores e educandos, no sentido de debater e evidenciar a cultura quilombola do lugar, dessa forma, a questão quilombola aparece como um tema latente nos debates da escola e, por ocasião da reunião, o foi também. Houveram muitas manifestações, desde os funcionários, aos pais e as lideranças da comunidade, eis alguns dos depoimentos: “Sendo uma escola quilombola, tinha que ir buscar essas raízes[...]. Na nossa aula, por exemplo, é uma outra metodologia” (Funcionário Público), essa manifestação refere-se às atividades pedagógicas na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, vinculados ao sistema municipal, são educadores da comunidade e mais envolvidos com o debate das práticas sociais das comunidades quilombola; “Já no ensino do 6º ao 9º ano e no ensino médio uma vez ou outra que tem um evento aqui, que nossas raízes aparecem um pouquinho e esquecem” (Funcionário Público), neste, há um nítido questionamento quanto à atuação dos educadores que não são moradores da comunidade e que pertencem ao sistema estadual de ensino na escola quilombola.

Interessante e provocativo foi o depoimento de uma trabalhadora rural da comunidade, que destacou a importância de se reconhecer e identificar a escola como quilombola: “[...] na lei quilombola, se uma escola tiver, cem alunos, mas que não sejam quilombolas, mas tiver um quilombola, ela já é, automaticamente, uma escola quilombola. Então, a Benvinda, lá em Abaeté, se torna quilombola por causa daqui, o Santo André, que é quilombola” (Trabalhadora Rural). Uma das lideranças da ARQUIA enfatizou a necessidade de a escola colaborar na formação da consciência da negritude e origem quilombola focalizando na singularidade das comunidades quilombolas que vivem às margens dos rios e várzeas de Abaetetuba, “[...] o povo nega sua raça que é quilombola. Não dá valor. E, a maioria dos quilombolas mora na beira do rio, área de várzea” (Liderança da ARQUIA e Trabalhadora Rural), neste, a emergência da formação de uma consciência identitária da juventude da comunidade quanto à ancestralidade

quilombola, que é destacada por uma trabalhadora rural: “Pode tá no sangue, pode tá na pele, se ele não se identificar” (Trabalhadora Rural).

A escola quilombola, por ser um grande divisor de águas, cumpre um papel fundamental na vida da juventude perante a organização do tempo educativo direcionado a esse grupo social, que vê na escola uma das principais alternativas de gestar e pensar o amanhã. Fato que podemos constatar nas narrativas dos jovens:

Ah! Se importante nem se fala né? Por que apesar de ter um ensino que ainda precisa de muita coisa, esse que tem ajuda muito a gente, muitos de nós quer fazer universidade e pensar um futuro. (J6, comunidade Nossa senhora do Perpétuo Socorro, 20/06/2017)

Ajuda e muito, com todas essas dificuldades que ainda se vê na escola, se não fosse a escola aqui, muitos de nós terminariam a 4ª série, antes falada, e parariam por ali por não ter condições de se deslocar daqui para a cidade pra continuar o estudo, e havendo essa escola aqui tem essa possibilidade, tem como continuar os estudos, e pensar em melhora a vida. (J4, comunidade São João, 18/06/2017).

Destacamos que a educação escolar acena para os jovens como possibilidade de pensar o futuro e definir caminhos que possam melhorar a vida no lugar. Essa possibilidade de melhoria de vida se expressa na resistência para se manter estudando, apesar das inúmeras adversidades pelas quais os jovens são submetidos para se manter na escola, tais como rotatividade de docentes e/ou ausência deles, dificuldade de deslocamento em rabetas, precariedade de materiais, ausência de *internet* e de espaço para estudo e pesquisa. Em suas narrativas, é nítido o sentimento de esperança que demonstram em relação a “possuir a escola”, pois reconhecem que essa é uma das principais conquistas oportunizadas pela luta de décadas das comunidades quilombolas pela igualdade de acesso ao ensino com qualidade e sucesso, e pelo respeito à especificidade da educação quilombola, voltada à juventude quilombola.

Quando instigados em relação à vida nas águas dos rios, ao lazer e à religiosidade, esses aspectos, fatores intrinsecamente ligados de maneira direta à vida do segmento juvenil, os jovens demonstraram reações bastante distintas, por exemplo, há uma visão bastante entusiasmada no que se refere à vida na comunidade quilombola e no “morar às margens dos rios”, mas uma preocupação com o futuro.

Apesar das dificuldades, os problemas que enfrentamos, a vida ribeirinha e quilombola acho uma boa vida, temos qualidade de vida, a tranquilidade o sossego é uma das principais delas pra mim, só penso

que se estudar posso melhora a vida aqui. (J4, comunidade São João, 18/06/2017)

Eu afirmo com orgulho que sou daqui, que sou quilombola, que vivo das águas do rio e daqui não quero sair, mesmo que um dia seja levado a sair por motivos de estudos ou trabalho o meu pensamento sempre será de voltar (J9, comunidade Arapapuzinho, 20/06/2017)

Nesse sentido, alguns aspectos destacam-se na juventude quilombola, objeto deste estudo, dentre eles o socioambiental, o visual e a mobilidade. Nessas comunidades, pode-se observar uma forma de viver diferenciada, voltada para a subsistência coletiva, com ações e movimentações voltadas ao bem estar da comunidade, a organização da vida em comunidade e para qualidade dos sentimentos do cuidar e da vida prática. Uma relação com o rio que, Segundo Ferreira (2008), não é apenas de proximidade, mas também econômica e cultural, pois, a partir do rio, apropriam-se dos principais recursos básicos para o desenvolvimento das suas atividades produtivas, dessa maneira, a relação com o rio permite aos jovens quilombolas construir uma cultura peculiar de utilização dos recursos da natureza, de interagir com o cotidiano, com a vida.

Na comunidade, as brincadeiras das crianças e dos adolescentes acontecem através do brincar de *formô*, de fio ou pula-corda, de futebol, de bandeirinha, de queimada, de mata no meio, de pira-esconde, de pira-cola, de amarelinha e pira-alta. Entre o banhar no rio e o brincar em uma prancha feita pela própria criança, retratam o contato destemido com as águas.

Figura 4 – Adolescentes brincando de formô na área da escola.



Fonte: ELIAS (2015).

Figura 5 – Criança brincando de prancha.



Fonte: ELIAS (2016).

No entanto, a diversão praticada quase diariamente é o costumeiro futebol. No mês de novembro ocorre o campeonato dessa modalidade de esporte, envolvendo pessoas de localidades dos arredores, com a participação dos times: Furo do Gaita (União), Baixo Itacuruçá (Bacabau, São Jorge Bacuri), Ilhinha (Andorinha) Arapapú (Quebra Galho), Furo do Limão (Beira-rio), Arapapuzinho (Ponte Preta). O campeonato é promovido pela Associação de Santo André, que fica ao lado do campo de futebol do Santa Rosa, nestes os jovens estão inteiramente envolvidos. Os jogos são assistidos por dezenas de moradores das comunidades. A Ilhinha¹¹, com o secar da maré, transforma-se em praia e, nela, as pessoas das comunidades se divertem, tomando banho e de outras formas. Além dessas atividades de lazer, faz parte da diversão: a participação nas festas dos santos padroeiros nas diversas comunidades vizinhas; o jogo de cartas (conhecido como baralho). Este último, na maioria das vezes, envolve a aposta de pequenos valores. Também são recorrentes as festas com as grandes e barulhentas aparelhagens elétricas e eletrônicas.

Além dessas atividades, a juventude quilombola costuma, no final da tarde, reunir-se no trapiche para conversar, contar histórias e escutar músicas, essa prática ainda realizada está sendo gradativamente substituída pelo meio televisivo, além de outras formas de mídia e redes sociais nos aparelhos celulares, que têm poder de difusão cultural, a famosa globalização, colocando em situação multicultural.

Observamos que o lazer, a religiosidade e o trabalho naturalizam-se no cotidiano da juventude quilombola, encontram-se nas práticas sociais da comunidade, os jovens estão envolvidos com o trabalho produtivo, com a rotina da roça, com as festas e encantarias do lugar, com o rio, com as danças e com a religiosidade que tem grande importância, com uma predominância do envolvimento dos jovens na religiosidade da igreja católica, com uma presença intensa na Pastoral Social, Pastoral da Criança e Pastoral da Juventude. No entanto, isso não os afasta de suas tradições, tais como as curas pelas ervas naturais, as parteiras, o mau-olhado que se afasta com pão roxo e pimenteira, as matintas, os seres encantados, o bater do tambor no campinho¹².

Essas práticas sociais ratificam a compreensão de que não é possível trabalho educativo sem imersão na realidade do educando, e assenta-se nos postulados de Freire

¹¹ Ilhinha é uma denominação dada pelos moradores locais e serve como delimitação entre o baixo e o médio Itacuruçá.

¹² Campinho, área de terra firme parecido com o cerrado é território sagrado, onde fica o encantado e se ouve o bater dos tambores no Arapapuzinho.

(1995), que afirmam a necessidade de se fazer uma leitura do mundo, da realidade do educando para, de fato, compreendermos o seu processo cultural enquanto sujeito histórico. “Abrir-se à alma, às culturas, é deixar-se molhar, ensopar das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência” (FREIRE, 1995, p. 110).

ALGUMAS REFLEXÕES

O estudo situou-se em torno da valorização das práticas sociais como saberes inerentes aos processos formativos dos sujeitos humanos, com a intenção de investigar os sentidos e significados dessas práticas sociais no cotidiano da juventude quilombola que frequenta a Escola Santo André, na Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no rio Baixo Itacuruçá, no município de Abaetetuba-Pará, que nos permitiu conhecer seus modos de vida e a relação que estabelece com a natureza e como tais práticas sociais estão atreladas às experiências e vida do lugar. Durante as rodas de conversas, ficou explícito que os jovens vivenciam a comunidade envoltos no espírito de cooperação, participando nas frentes do desporto, nas colheitas nas roças, nas pesca, no manejo do açaí, na igreja (em sua liturgia e obras assistenciais à comunidade), do lazer (inter)comunitário, nas casas de farinha ou retiros¹³, que revela uma ação pedagógica, uma vez que ao mesmo tempo que fazem a farinha, proseiam¹⁴, contam histórias, falam das ancestralidades, do lugar, de suas experiências com processos produtivos na comunidade, narram as lutas e projetam sonhos e esperanças, ou até mesmo das ações deflagradas pela escola. Estão sempre integrados, o que faz parte do processo social de tornarem-se jovens, é um elemento caracterizador da juventude quilombola que estuda na Escola Santo André.

No entanto, os depoimentos dos jovens das comunidades atendidas na Escola Santo André produziram algumas reflexões no sentido de se perceber o quanto é necessário que a escola seja um espaço de escuta, de diálogo, de trocas, de movimento e de fortalecimento da identidade quilombola. Nas recolhas das narrativas, os jovens sinalizaram o quanto seria interessante que o espaço educativo se colocasse na direção de escutá-los, e de repensar sua prática e, criativamente, constituir representação estudantil para pensar e organizar pautas de reivindicações e de transformações junto à comunidade, à escola e ao poder público local. Atuando na perspectiva Freiriana de problematizar a realidade e provocar transformações na realidade local, centradas em uma

¹³ Retiro é como denominam as casas de farinhas.

¹⁴ Forma de dizer que conversam.

educação emancipadora do sujeito, capaz de desenhar um currículo construído coletivamente, que revele a identidade da comunidade, e que os educadores possam tomar como diretriz para sua atuação profissional na escola.

É preciso que a escola centralize suas ações nos saberes sociais produzidos na comunidade, tendo o trabalho como princípio educativo, no sentido de que a juventude quilombola aprende na medida que ensina, que troca vivências e experiências, na convivência com o outro, é entender que as práticas sociais, emergem do fazer, do trabalho, do vivido, naquilo que Frigotto (2001) considera ser um direito, uma vez que, por meio do trabalho que se cria, recria e produz continuamente, é o aprender permanente do ser “humano enquanto ser da natureza” que a transforma pelo trabalho, em benefícios que possam “satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, culturais” (FRIGOTTO, 2001, p. 74).

Observamos, também, que todo o processo de construção da identidade quilombola é mediado por vários processos educativos presentes em diversos espaços e tempos. Nas reuniões familiares, durante as conversas em alguma das ruas do território, nos trapiches, nas rabetas, nos encontros com comunidades quilombolas, nos debates com os educadores e com o poder público, entre outros, ficando evidente que a juventude, assim como os demais moradores das comunidades quilombolas, aprende entre si ou com “os de fora” o significado de ser quilombola e de morar num quilombo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A ‘juventude’ é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marca Zero, 1983.

BRASIL. **Censo Escolar 2018**. INEP/MEC. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei Nº 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Senado Federal, 2003.

CARNEIRO, M. J.; Juventude e novas mentalidades no cenário rural. *In*: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *In*: **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, E. G. Processo de construção da categoria juventude rural como ator político: participação, organização e identidade social. *In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FRIGOTTO, G. (org.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOPES, W. de J. F. **As representações sociais dos jovens do campo**, acerca de suas escolas. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em Educação.

MATTOS, H. Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 104-111, dez./fev. 2005-2006.

MELUCCI, A. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. *In: MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 23-45.

NOVAES, R. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. *In: PAPA, Fernanda (org.). Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

SPOSITO, M. P. (coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999- 2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

WANDERLEY, M. de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 8, n. 2, p. 87-145, out. 2000.

Recebido em: 12/06/2022

Aprovado em: 15/07/2022

Publicado em: 20/07/2022